

2 PROJETO MEMÓRIA DA FEIRA LIVRE DE FEIRA DE SANTANA

SEGUNDA FASE — TEXTO N. 3 OUTRAS PALAVRAS

Vicente Deocleciano Moreira
Prof. Adjunto do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia

A Revista *Sitientibus*, número 14, publicou o texto n.2 desta nova fase do Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, intitulada OUTRAS PALAVRAS.

No primeiro texto, esta revista publicou depoimentos de professores, estudantes, feirantes, autoridades... publicados pela Imprensa em 1976 e 1977, sobre a feira livre de Feira de Santana — extinta em 10 de janeiro de 1977 por Decreto Municipal, na gestão do então prefeito de Feira de Santana, Dr. José Falcão (falecido em 5/8/97). No segundo, o noticiário sobre a feira no ano de 1975 (*Sitientibus*, Feira de Santana, n.14, p.205-215, 1996)

Este número expõe a produção hemerográfica referente aos anos 1976 e 1977. Trata-se de um momento especial do Projeto porque, neste ano de 1997, estamos registrando 20 anos de extermínio da velha feira livre, mãe da cidade. O próximo número de *Sitientibus* trará a segunda parte do ano de 1977.

NOTICIÁRIO DE 1976

COMERCIANTES SÃO CONTRA A PERMANÊNCIA DA FEIRA

A Tarde. Salvador (BA), 7 de junho de 1976 - p.11.

Feira de Santana, possuidora do maior distrito industrial do interior do Estado, com uma população superior a 230 mil habitantes e um centro comercial bastante desenvolvido, sendo a primeira do Estado a ter em funcionamento uma Universidade e contando com o maior centro educacional baiano, ainda possui detalhes que entravam o seu desenvolvimento e o seu processo, que dia a dia cresce a olhos vistos.

A realização da maior feira livre, normalmente realizada às segundas-feiras de cada semana, em pleno centro comercial da cidade e atingindo

algumas artérias residenciais, não é mais suportada pela maioria dos comerciantes de Feira, sensivelmente prejudicados com o grande volume de lixo e detritos deixados em frente às suas casas comerciais, após a realização da mesma, sem contar com a colocação dos vendedores ambulantes em seus passeios, entravando a comercialização dos seus produtos. A parte do centro comercial feirense mais prejudicada é aquela que se localiza na Praça João Pedreira, bem próximo ao Mercado Municipal, o movimento aí é bem maior quando da realização da feira livre, impedindo a população de se locomover com facilidade, a fim de efetuar seus descontos e depósitos bancários, nas casas de créditos, que têm as suas portas tomadas pelo vasto número de barracas e tabuleiros, um sério perigo para a sua segurança.

A feira livre, que funcionava aos sábados e segundas-feiras, inicia-se agora às quartas-feiras, com a venda de flores, frutos e verduras em frente ao Mercado Municipal, e na maior parte da Extensão da Avenida Getúlio Vargas e da Rua Marechal Deodoro, aí ficando pelo resto da semana. No domingo, o volume de feirantes aumenta com a chegada daqueles que somente comercializam os seus produtos nos dias de segunda-feira. A permanência desta feira constante dá ao centro comercial da grande feira um aspecto não muito recomendável e um péssimo cartão de visita aos turistas que aqui chegam diariamente.

Em frente ao Mercado Municipal, agora está existindo, quotidianamente uma feira de passarinhos, que toma uma boa parte da Praça João Pedreira, engarrafando, a todo instante, o tráfego de veículos.

ALTO-FALANTE

O capítulo XII do Código de Postura, da Prefeitura Municipal de Feira, no seu artigo 158 diz: “A exploração dos meios de publicidade nas vias e logradouros públicos, bem como nos lugares de acesso comum, depende da licença da Prefeitura, sujeitando o contribuinte ao pagamento da taxa respectiva”, enquanto que o artigo 159 esclarece que “A propaganda falada em lugares públicos, por meio de amplificadores de voz, alto-falante e propagandistas, assim como feitas por meio de cinema ambulante, ainda que muda, está igualmente sujeita à prévia licença e ao pagamento da taxa respectiva”. Porém não vêm sendo obedecidos rigorosamente esses artigos do Código de Posturas, uma vez que todos os dias propagandistas, utilizando-se de serviço de som, nas vias e logradouros públicos, causam uma tremenda poluição sonora no centro comercial, sem se falar em algumas casas comerciais que prejudicam os seus vizinhos de estabelecimentos comerciais, devido ao uso constante de serviço de som, para propagandas berrantes.

Compete à Secretaria de Turismo e Recreação e Cultura, juntamente com um funcionário da Delegacia Regional, que responde pelo serviço de censura, fiscalizar tal tipo de publicidade, porém nada tem sido feito para coibir os abusos e assim o comércio e a população de Feira continuam a sofrer com a excessiva poluição sonora.

MAIOR FEIRA LIVRE DA BAHIA DESLOCA-SE PARA NOVO LOCAL

Feira de Santana uma realidade, suplemento especial de *A Tarde*, Salvador(BA), 16.6.76, p.24, cad.3.

Do encontro de tropeiros às segundas-feiras nas proximidades da Fazenda Santana dos Olhos d'água, que naquela época traziam as suas cargas de farinha, verduras e cereais nos lombos dos animais, para trocar, entre si, surgiu a feira livre que depois veio dar nome definitivamente à grande cidade de Feira de Santana. Com o passar do tempo, esse encontro foi crescendo e dando margem ao surgimento de uma feira. Ao lado dessa feira, um povoado apareceu, tornando-se, posteriormente, vila e, depois, uma cidade comercial, que vivia exclusivamente daquele agrupamento semanal de pessoas que vinham comercializar os seus produtos.

DEPENDÊNCIA E PROBLEMAS

Com a expansão da feira livre tomando nos dias atuais um raio de ação na área de cinco quilômetros, abrangendo as principais ruas e avenidas de Feira de Santana, surgiu uma série de transtornos na sua área urbana, como sufocamento do tráfego no centro e proliferação de bancas e barracas na mesma área, causando prejuízos ao aspecto urbanístico e concorrendo deslealmente com o comércio ali instalado. Por outro lado, essa feira livre é de significativa importância para a economia da cidade, pois para aqui convergem milhares de pessoas de mais de 80 municípios baianos que vêm efetivar compras no comércio, realmente o maior do interior do Estado, sem se falar em outras centenas de visitantes procedentes de outros estados que objetivam fazer turismo, deixando no comércio uma boa soma de dinheiro.

MUDANÇA

Diante dos problemas que vem causando a feira livre, e tendo em vista a sua importância econômica e financeira para Feira de Santana, o Prefeito José Falcão da Silva resolveu fazer cumprir o previsto no Plano Local de Desenvolvimento Integrado e iniciou a construção do Projeto Cabana ou, em outras palavras, iniciou a construção do Centro de Abastecimento, no Parque Manuel Matias para onde será transferida a feira livre.

OS CONTRA

Ao tomar conhecimento do procedimento do Prefeito Falcão da Silva, alguns intelectuais e jornalistas se manifestaram contra a idéia e Lei, pois alegavam que a mudança iria descaracterizar totalmente a feira livre, considerada por eles monumento maior da cidade e responsável pelo seu nome. Aham que a feira deve continuar no mesmo lugar, tomando as principais praças e avenidas com a comercialização de alimentos, roupas, derivados do couro e barro, como também com a presença de seus cantores violeiros e repentistas, ou vendedores do óleo do peixe-elétrico, ou da pomada que faz bem ao coração, ou até dos livros de estórias que contam a vida de Lampião e o dia em que Roberto Carlos falou com Jesus Cristo.

A FAVOR

Para os líderes do comércio, a mudança da feira livre para o Parque Manoel Matias até o fim do ano, beneficiará bastante a cidade, pois deixará de ser um problema para o centro e criará um novo centro comercial. Outros afirmam que não haverá queda no volume de vendas ou mesmo da vinda de pessoas de outros locais, pois Feira de Santana continuará sendo grande centro distribuidor de produtos alimentícios industrializados no interior baiano.

E assim a feira de Feira de Santana vai ceder o seu lugar ao progresso da cidade que não mais a comporta no seu lugar atual e, sim, numa área específica, sem haver nenhum prejuízo de sua tradicional realização às segundas-feiras com todos os seus motivos folclóricos e regionais que a têm tornado famosa por todo o país.

POTENCIAL TURÍSTICO A SER EXPLORADO – FEIRA DE SANTANA

Tribuna da Bahia Salvador (BA), 7 de julho de 1976, p.8.
Feira de Santana(Sucursal)

Com quase 250 mil habitantes, concentrados principalmente na zona urbana, a cidade de Feira de Santana, o mais importante tronco rodoviário do Nordeste e onde se realiza semanalmente a maior feira livre do Brasil, possui um vasto potencial turístico, ainda pouco explorado, mas que futuramente poderá se constituir em mais um fator para a aceleração de seu processo de desenvolvimento.

Distante apenas 108 quilômetros de Salvador, Feira teve, por muitas décadas, na “feira-livre” e na “feira de gado”, os grandes pontos de referência para o desenvolvimento do seu turismo. Hoje, fruto de significativas mudanças econômicas, as suas tradições se multiplicam, no confronto do tradicional com o moderno, aumentando consideravelmente o número daqueles que passam por Feira com o objetivo de conhecer o seu progresso.

O ARRAIAL DE SANTANA

No século XVIII, em terras da fazenda Santana dos Olhos D’água, o seu proprietário, o português Domingos Barbosa de Araújo construiu uma capela, em torno da qual se desenvolveu o arraial com um incipiente comércio e passagem obrigatória dos criadores de gado do Nordeste. Do povoado de Feira de Santana, que se desmembrou do município de Cachoeira em 1832, nasceu a segunda maior cidade da Bahia, hoje conhecida por seu importante comércio e promissor centro industrial.

Entre 40 mil pessoas, feirantes e turistas, chegam à cidade domingo e segunda-feira para a grande “feira livre” que domina todo o centro da cidade. Os pequenos produtores, muitos percorrendo grandes distâncias vindos do Sertão ou do Recôncavo, chegam à grande feira de segunda para oferecer seus produtos. Esse extraordinário movimento comercial em breve será transferido para o Centro de Abastecimento de Feira.

LARANJEIRA, Antônio José

A Tarde. Salvador(BA), terça-feira, 3 de agosto de 1976, p.2 cad. 2.
Feira de Santana

Evidentemente que o Governo Falcão da Silva entregará, dentro de mais alguns meses, a majestosa obra do Centro de Abastecimento de Feira de Santana, no Parque Manoel Matias, resolvendo de uma vez por todas o problema da proliferação das barracas no centro da cidade, assim como remanejará a feira livre das principais artérias para o local específico. Porém seria necessário, enquanto a feira livre não toma conta do Centro de Abastecimento, uma melhor programação para a existente ainda hoje, que não tem horário para começar ou mesmo se encerrar. Costumeiramente, às 20 horas das sextas-feiras, ou mesmo dos domingos, já é comum ser iniciada a sua arrumação causando sérios transtornos ao tráfego e oferecendo até sérios perigos de acidentes àqueles possuidores de veículos e mais desavisados.

Acreditamos que o horário ideal para se iniciar a arrumação da feira deveria ser à meia-noite da véspera da realização da mesma, dentro de um panorama de disciplina e que deve ser respeitado, fato que mostrará o padrão de organização de cidade grande. Aqui fica a sugestão...

A CIDADE NÃO COMPORTA MAIS A FEIRA QUE LHE DEU ORIGEM

Tribuna da Bahia, Salvador(BA), 27 de outubro de 1976, p.7.

A feira, a razão da existência da cidade, deve desaparecer. A mãe feira, com sua tradição popular, sua poesia desarrumada, expulsa pela filha cidade pelo bem do progresso, do desenvolvimento e porque ela não precisa mais de sua atração.

ONDE TUDO COMEÇOU

A cidade de Feira de Santana teve origem numa feira. A princípio, no século XVII, os criadores de gado fizeram dali um terminal para a comercialização de seus rebanhos, já que na época, aquele era um ponto ideal devido a ser um cruzamento de outras rotas. Com o crescimento do comércio, surgiram as primeiras construções fixas.

Primeiro apareceu a capela e, em volta dela, uma vila, mais tarde batizada com o nome de Santana dos Olhos D'Água. O comércio se expandiu mais ainda e a vila cresceu também, tornando-se o que é hoje em dia a cidade

de Feira de Santana. O restrito círculo destinado à feira, então, não suportou o crescimento e a feira começou a invadir a cidade, se estabelecendo em locais pouco apropriados, como os logradouros públicos e as ruas de movimento.

Daí surgiu a necessidade de deslocar a feira, que está sujando a cidade e atrapalhando o trânsito normal de veículo e pessoas, já que, em um dia normal, quatro mil feirantes procuram arduamente disputar um lugar para comercializar seus produtos. Como solução, foi projetado e construído o Projeto Cabana, numa central de abastecimento polivalente destinado a atender o mercado varejista, atacadista e o expedidor rural.

FEIRA LIVRE É TEMA DE UM JORNAL DOCUMENTÁRIO

Tribuna da Bahia, Salvador(BA), 1^o de novembro de 1976, p.14.

Feira (Sucursal) — “Feira de Santana em marcha para o progresso” é o título do jornal — documentário realizado pela Pilar Filmes, que entrará em exibição a partir de domingo no Cine Teatro Iris, acompanhando o lançamento do filme “Diário Secreto de uma prisão de Mulheres”.

O documentário versa sobre a feira livre da cidade e sua breve mudança para o Centro de Abastecimento, a maior obra já realizada com recursos do Município e que será entregue ao povo no próximo dia 7 pelo prefeito José Falcão. A película em 35 milímetros, colorida, tem duração de 13 minutos, sendo considerada uma das melhores realizações do gênero do conhecido cineasta feirense Olney S. Paulo, que se deslocou do Rio de Janeiro, onde se encontrava ultimamente para participar do lançamento do documentário.

FEIRA LIVRE MUDARÁ EM DEZEMBRO PARA O CENTRO DE ABASTECIMENTO

Jornal do Brasil, quinta-feira, 11.11. 76. 1^o caderno. p.28. (Economia)

Feira de Santana — Inicialmente voltada para o comércio de gêneros alimentícios entre os tangedores de boiadas, a feira-livre formada em volta da capela da Fazenda Sant’ana dos Olhos D’água foi crescendo até transformar-se na grande feira-livre que hoje ocupa mais de 20 mil metros quadrados do centro da cidade, com mais de 4 mil barraqueiros. Em dezembro, eles se mudarão para o Centro de Abastecimento inaugurado esta semana.

Responsável pelo abastecimento de cerca de 18 municípios a feira livre atualmente vende todo tipo de produto: frutas, verduras, cereais, carnes, aves, animais, roupas, tecidos, calçados, móveis e eletrodomésticos. A afluência nos dias de maior movimento, às segundas-feiras, chega a cerca de 30 mil pessoas.

O crescimento e a expansão da feira livre, ao longo dos anos, passou a criar transtorno na vida da cidade, pois ocupando as ruas centrais gerou problemas com moradores e comerciantes. Os moradores das ruas ocupadas pela feira livre sentem-se prejudicados pelos problemas sanitários provocados pela afluência de pessoas. Restos de alimentos, frutas, verduras e detritos de animais, além da transformação das calçadas em dormitórios e sanitários, são algumas das queixas dos moradores dessas ruas.

Para o comerciante, a feira livre traz enormes transtornos além da queixa da concorrência desleal, na medida em que lá se vende quase de tudo que vendem os comerciantes estabelecidos. A confusão provocada no trânsito da cidade e o grande número de veículos de carga também contribuem para acelerar as críticas à existência da feira.

As pressões dos comerciantes e lojistas levaram a decisão de intervir na tradicional feira livre, que das segundas-feiras, ampliou seu funcionamento para as sextas-feiras e sábados, além de um núcleo permanente de 500 barracas que vivem em torno do mercado municipal. Em 1968, quando da elaboração do Plano de Desenvolvimento Integrado da cidade, foi decidida a construção de um centro de abastecimento, através do Projeto Cabana, para transferir inicialmente 4 mil feirantes.

Selecionou-se uma área de 140 mil metros quadrados e nela foi construído o Centro de Abastecimento agora inaugurado. O centro, como explica seu implantador, engenheiro Lindalvo Farias, pretende ser um local permanente de encontro entre vendedores e compradores, dentro de uma área higienizada, com instalações sanitárias, depósitos, bares, lanchonetes, água, luz, estacionamento e área de lazer.

Para isso foram investidos Cr\$ 42 milhões, com recursos provenientes do Banco do Nordeste e Prefeitura. Construíram-se quatro pavilhões. Um será destinado somente a instalações higiênicas para uso dos feirantes. Dos três outros, um abrigará o comércio de carnes, peixes e produtos afins, outro alimentos secos e o terceiro destina-se a confecções, calçados e afins.

Em sua primeira etapa o Centro vai abrigar, cerca de , 4 mil feirantes, mas poderá atingir aos 10 mil como esclarece o engenheiro Lindalvo Farias. A área coberta alcança 12 mil metros quadrados. Além disso, haverá áreas pavimentadas para alocação de pequenos comerciantes e vendedores de comidas típicas.

O projeto final do Centro de Abastecimento vai incluir uma área para o comércio atacadista, outra para a feira de gado e em sua volta está previsto colocação de pontos terminais de ônibus, que serão remanejados das áreas centrais da cidade. Toda a região em volta do Centro foi incluída no plano para evitar que seu crescimento ocorra de forma desordenada no futuro.

Apesar da importância e da tradição da feira-livre, que rende para os cofres municipais cerca de Cr\$ 1 milhão e 500 mil por ano, a sua transferência, na opinião do engenheiro Lindalvo Farias, “tornou-se um imperativo de organização urbana”. Apesar de desagradar a alguns dos seus defensores que vêem na transferência da feira o fim da cidade, na opinião dos técnicos municipais ela irá determinar grandes modificações na vida de Feira de Santana.

FEIRA VAI MUDAR EM JANEIRO

Feira Hoje. Feira de Santana(BA), 10 de dezembro de 1976, p. 3.

“Em absoluta primeira mão, afirmo ao FEIRA HOJE que a transferência da feira-livre começará a ser feita no dia 11 de janeiro de 1977. Já estamos fazendo os cálculos diários e possivelmente o atual Mercado Municipal e o que existe de permanente na praça e nas ruas começará a ser relocado naquele dia, para que na feira seguinte, tudo funcione no Centro de Abastecimento — disse ontem o prefeito José Falcão da Silva, que nos próximos dias viajará para Fortaleza e Recife.

REDUÇÃO

Pretende o prefeito José Falcão da Silva conseguir junto ao Banco do Nordeste a redução de 40 para 20% do valor das cotas do ICM oferecidas como garantia do financiamento concedido ao Centro de Abastecimento (...)

O empréstimo por antecipação de receita, previsto em lei, segundo o prefeito, será destinado a pagar parte da dívida contraída com a construtora do Centro de Abastecimento e a regularização de outras contas inclusive com fornecedores (...)

Sobre a participação da Prefeitura no curso de treinamento, na SUDENE, disse que “o nosso técnico viajará no próximo dia 15, permanecendo até o mês de março, auferindo conhecimento sobre o funcionamento do Centro de Abastecimento”.

PROJETO DO CENTRO TIRADO DE PAUTA

Feira Hoje. Feira de Santana(BA), 17 de dezembro de 1976, p. 1.

A Câmara dos vereadores em sua última reunião decidiu retirar de pauta o projeto de lei que cria a autarquia Centro de Abastecimento, aprovando apenas o que altera a lei que afetou a doação de uma área de terra para a instalação do Centro Interescolar, a ser construído pelo Premen. Uma outra sessão extraordinária está convocada para o próximo dia 27, quando se espera que o Centro de Abastecimento receba ou não o pronunciamento definitivo da Câmara Municipal.

MÁRIO Wilson.

ANTIGA FEIRA LIVRE VAI SER TRANSFERIDA PARA A CENTRAL

A Tarde Salvador. (BA), sexta-feira, 31 de dezembro de 1976, p.4.

A passagem por esta região, dos “atravessadores de gado vacum tangendo as boiadas, deram início a comercialização do gado no arraial de Feira de Santana, conhecido também por Sant’ana do Olho D’Água, e não Olhos D’Água como costumavam dizer, surgindo então as feiras de gado. O arraial que inicialmente servia apenas de ponto de apoio para as paradas dos vaqueiros e fazendeiros, tornou-se um centro comercial com o surgimento de casas para hospedar os viajantes, fazendo com que o Governo Imperial em 1832, elevasse o arraial oficialmente à categoria de vila, e já no ano de 1873, através da Lei provincial datada de 16 de junho, transformava-se a vila em cidade, com a denominação de Cidade Comercial de Feira de Santana, para mais tarde ser chamada de Feira de Santana.

Em Feira de Santana, realiza-se no dia de segunda-feira, a maior feira livre do Nordeste do Brasil, nas artérias centrais, ocupando mais de cinco quilômetros de extensão, constituindo-se na maior atração turística da cidade, que para aqui atrai pessoas das mais variadas partes do País, em busca da compra de mercadorias.

A partir das primeira horas da tarde de cada domingo, a cidade recebe maior volume de mercadorias, do que qualquer cidade do Norte Nordeste do País, que aqui chegam das mais variadas formas, no lombo de animais em carroças e carretas, instalando-se de imediato várias barracas ao longo da Avenida Getúlio Vargas e da Praça João Pedreira com bom número de

pessoas efetuando logo as primeiras compras das mercadorias. Contudo, somente no dia de segunda-feira, desde as primeiras horas da manhã, é que a feira livre de Feira de Santana apresenta o seu potencial de comercialização.

FEIRA LIVRE

Na feira livre são comercializados produtos hortigranjeiros, oriundos dos diversos municípios baianos, derivados do couro e barro, produtos avícolas, confecções, peças de eletrodomésticos, além dos produtos mais procurados pelos que aqui chegam, à “carne-de sertão” e caças mais raras da região, paca, teiú, codorna, nambu, tatu e cotia.

Mesmo com o desenvolvimento alcançado pela cidade, algumas tradições ainda são mantidas. Instalados em pontos estratégicos da feira livre, os cantadores, violeiros e repentistas conseguem atrair as atenções de todos, turistas, compradores e vendedores. Utilizando-se de um precário sistema de som, vendedores-ambulantes de óleo de peixe elétrico, do peixe boi, da banha da tartaruga do mar sagrado, purgantes e pílulas para as mais variadas doenças, vendem desde ao fazendeiro ao agregado. Nos passeios das ruas e avenidas, livros de histórias de Lucas da Feira “O Escravo Libertador” “O Valente Lampião e Maria Bonita”, “As Aventuras de Roberto e Erasmo”, “A Moça que tomou a pílula” e “O Bicho que está aparecendo na Feira”, são vendidos aos turistas, tabaréus, agregados e fazendeiros em autênticas livrarias de cordel.

Os turistas, de todas as coisas estranhas, acham mais interessantes as apresentações dos artistas-ambulantes: “O Homem que Engole Fogo, Prego e Vidro”, “A Mulher Lobisomem” e o show das “Mulheres Rumberas, em barracas completamente cobertas de pano”

Nas portas dos bares, casas comerciais e de estabelecimentos públicos, os fazendeiros se reúnem para conversar sobre vários assuntos. Um fala sobre a seca, lamenta a lavoura perdida, outro diz que o gado morreu de fome e sede, outra queixa-se de seus agregados e rendeiros, comentam sobre a política, enquanto outros dirigem gracejos as moças e “mulheres-damas”.

FEIRA DE GADO

A maior feira de gado-em-pé do Nordeste realizava-se em Feira de Santana. Enormes boiadas aqui chegavam dos Estados de Minas e Piauí, sendo comercializadas a “olho”, cada fazendeiro avaliava o preço do gado de

acordo com o seu critério. A partir do final do ano de 1813 começaram a realizar-se, no arraial de São José das Itapororocas, as primeiras feiras de gado, sendo que, posteriormente, a comercialização do gado passou a ser efetuada em Feira de Santana. O início do acerto da compra e venda do gado-em-pé acontecia nas proximidades da Ponte do Rio Branco, e os negócios fechados em frente do Feira Tênis Clube, localizado na rua Visconde do Rio Branco. Com o decorrer dos tempos, foram construídos novos currais, denominando-se “Campo do Gado”, o primeiro deles na área compreendida da Praça D. Pedro II, Rua Carlos Gomes e início da Avenida Senhor dos Passos, conhecido por “Gameleira”, este inclusive já contava com uma balança para pesar o gado. O segundo “Campo do Gado” localizava-se no trecho compreendido onde atualmente está edificada a Biblioteca Municipal Arnold Silva e o Colégio Municipal Joselito Amorim, sendo que o último “Campo do Gado” já em decadência situa-se no bairro da Queimadinha, aí as feiras de gado não possuem o mesmo vigor dos tempos atrás, muito embora sejam fator de importância para a economia de Feira de Santana.

OS PROBLEMAS DA FEIRA LIVRE

Com a feira livre tomando todo o raio central da cidade, os problemas por ela provocados passaram a incomodar a industrial cidade de Feira de Santana. Os constantes congestionamentos no sistema de tráfego de veículos, a proliferação de bancas e barracas, que concorrem deslealmente com o comércio local, o péssimo aspecto urbanístico, uma feira livre sem higienização, produtos alimentares misturados ao lixo e à sujeira, aos constantes furtos praticados por marginais de alta periculosidade e “pivetes”, que infestam a cidade nos dias de segunda-feira, fizeram com que o Prefeito José Falcão da Silva cumprisse aquilo que estava previsto no Plano Local de Desenvolvimento Integrado. A construção do Centro de Abastecimento, localizado no Parque Manoel Mathias, que foi inaugurado no dia 07 de novembro último pelo chefe do executivo feirense e para onde será relocada a atual feira livre, a partir do dia 11 de janeiro do próximo ano.

AS OPINIÕES SOBRE A MUDANÇA

Em todas as comunidades a mudança de feiras livres sempre fez crescer mais, avenidas e até bairros. A feira livre que hoje ocupa extensões quilométricas do centro da cidade, não vejo porque conservá-la, pois a mes-

ma está ferindo as normas de higiene, organização econômica e engarrafando o trânsito. A feira livre será agora organizada, disciplinada, e até concentrada em área preparada dentro das normas técnicas. “Vejo um esforço muito grande da administração José Falcão da Silva, na construção do Centro de Abastecimento que abrigará a feira livre”, disse o Monsenhor Renato de Andrade Galvão, Cura da Catedral de Nossa Senhora Santana.

Sobre a mudança da feira livre do centro da cidade, para o Centro de Abastecimento, o presidente da Associação Comercial, José Alexandrino de Souza, teceu o seguinte comentário: “O que estamos verificando, na atual feira livre, é um problema muito sério, um atentado contra a saúde pública. A mudança da feira livre para o Centro de Abastecimento vai realmente trazer um desafio para o centro comercial. A opinião da Associação Comercial é de que a feira livre deve ser transferida para o Centro de Abastecimento. Não acredito que de imediato as vendas dos estabelecimentos comerciais aumentem, ao contrário, cairá o seu volume, ou seja, no período de adaptação, para que três ou quatro meses depois a situação fique equilibrada. Tenho certeza que com as ruas e avenidas limpas e desafogadas vamos faturar alto”.

A jornalista Maria do Socorro Pitombo, da Sucursal do Jornal da Bahia, falou sobre a mudança e analisou assim o problema: “o Centro de Abastecimento eu vejo como um marco na história econômica de Feira de Santana. Na verdade, não se comporta mais uma feira livre nessas proporções da atual, chegou a hora de se mudar realmente. Efetivamente, o progresso de uma cidade de mais de 200 mil habitantes, não deve ser prejudicado, e ele exige determinado tipo de sacrifício. Realmente, não podemos continuar com toda essa sujeira no centro da cidade. Porém o grande benefício que o Centro de Abastecimento vai trazer é a higienização de Feira de Santana, sem se falar no progresso para o comércio lojista”.

Crescêncio Soares, o “Nilinho”, dono de uma barraca de derivados do couro e de produtos típicos da região, instalada ao lado da Igreja Senhor dos Passos, também deu a sua opinião sobre a mudança da feira livre, dizendo: “Concordo com a transferência da feira livre para o Centro de Abastecimento, acho porém que nós barraqueiros de derivados de couro, deveríamos ser fixados no Velho Mercado Municipal, um local tradicional do turista, que se transformando em centro folclórico, a cidade é que viria a lucrar com isto”.

A obra denominada “Projeto Cabana”, Centro de Abastecimento de Feira de Santana, foi projetada atendendo a indicações do Plano Local de Desenvolvimento Integrado, e da própria SUDENE, num trabalho feito sobre a pesquisa alimentar, em Feira de Santana, estudos estes realizados em 1975, cujos resultados indicaram inclusive a necessidade da construção do Centro.

O projeto foi elaborado, aprovado pelos órgãos governamentais competentes. A necessidade da transferência da feira livre, já mais que evidente, um sentimento comunitário de Feira de Santana, através mesmo do pronunciamento de clubes de serviços e das classes produtoras da cidade. "Só nos resta agora a transferência da feira livre, que será procedida a partir do dia 11 de janeiro de 1977", explicou desta maneira o Prefeito José Falcão da Silva, o porquê da construção do Centro de Abastecimento, para abrigar a atual feira livre.

NO CENTRO DE ABASTECIMENTO A FEIRA LIVRE

A feira livre não vai acabar. Ela será relocada do centro de comercial da cidade para o Centro de Abastecimento, no Parque Manoel Mathias, a partir do dia 11 de janeiro do próximo ano.

O Centro de Abastecimento possui características polivalentes, sendo as suas três linhas principais — varejo, o *lay-out* disciplina a ocupação especial e as funções de modo que ficam as faixas distintas, os ramos dos produtos alimentares e não alimentares, sendo que cada uma dessas categorias está servida por equipamentos, que atendem às diferentes modalidades do comércio, desde o mais simples e tradicional, até as mais modernas técnicas da comercialização, através de supermercados.

O engenheiro agrônomo, Lindalvo Farias, responsável pelo projeto de construção do Centro de Abastecimento de Feira de Santana, faz a seguinte diferenciação entre o Centro de Abastecimento e a CEASA: "a CEASA não é polivalente, atua apenas nas linhas de atacado e hortigranjeiro. Já aqui, o Centro de Abastecimento, a maior predominância é para o varejo, abrangendo todos os artigos de comércio de massa, ou seja: a linha de produtos hortigranjeiros, os produtos de origem animal, que não tem na CEASA, carne, peixe, cereais de estivas e artigos diversos de consumo popular — confecções, louças e utensílios domésticos".

A linha de atacado, as suas instalações disponíveis permitem as tabulações em maior escala de produtos que se destinam ao varejo local e de outros municípios. É exatamente nesse aspecto que o Centro de Abastecimento preenche sua função de mercado expedidor rural, pois recebe produto de diversas fontes de produção e propicia a venda evitando assim o monopólio dos intermediários. Para tanto, os produtores serão devidamente cadastrados, com informações sobre: a sua moradia, área de plantação, volume de produção e época de colheita, podendo-se então conhecer-se a necessidade de cada um, em termos de locais de venda, de acordo com as suas safras.

A partir da função de mercado expedidor rural pretende-se, através de um trabalho educativo alcançar estágios adiantados de associativismo dos produtores e vendedores, com vistas à formação ou adesão de cooperativas.

O Centro de Abastecimento de Feira de Santana teve um investimento da ordem de Cr\$ 40 milhões de cruzeiros, possui uma área total de 310.000 m², ocupando apenas atualmente 140.000 m², nele existentes prédios de mercados alimentares e não alimentares, que totalizam uma área de 5.000 m². Já a faixa destinada à realização da feira livre terá a área de 3.000 m². Para o estacionamento de veículo foi determinada cerca de 3.100 m². O reservatório da água para o abastecimento do Centro tem uma capacidade de 360.000 litros.

NOTICIÁRIO DE 1977

ALENCAR, Helder. FEIRA SEM FEIRA.

Feira Hoje. Feira de Santana(BA), 1^o de janeiro de 1977. p.1 cad. de Domingo.

O futuro secretário de turismo, Recreação e Cultura do município, Antônio Miranda, em declarações recentes, afirmou que a sua maior preocupação, seria encontrar uma fórmula para que o turista permaneça algumas horas na cidade. Acrescenta que a Feira de Santana é passagem obrigatória dos turistas, mas o, seu intuito é criar alguma coisa para fixar o turista, fazer com que ele fique algum tempo.

A missão do novo e jovem secretário seria, sem dúvida, muito mais fácil se a feira-livre de Feira de Santana, a única atração turística permanente do município não tivesse sido extinta, na última segunda-feira em nome do “progresso”, mesmo se sabendo que tradição e progresso podem andar de mãos dadas, principalmente em se tratando de aspecto mais tradicional, mais folclórico e mais cultural de uma terra.

Pobre de igrejas, sem outras atrações maiores, pois centros de abastecimento, indústrias e museus existem por toda a parte, a Feira de Santana fica reduzida exclusivamente à sua micareta e, talvez, à festa de Santana, se os “progressistas” não deturparem o seu sentido e não mudarem o seu modo de ser, como andaram apregoando por aí.

A existência de um museu pouco contribuiu para o turismo, pois ele é muito mais de arte plásticas do que regional, como deveria ser e como constava no seu projeto inicial, tanto que ele se chamava museu Regional.

Outras festas e festividades menores como vaquejada, exposição agropecuária, Kalilândia, Alto do Cruzeiro e tantas outras nada representam para o turismo, muito menos para a recreação, sequer para a cultura.

Desapareceu efetivamente a única atração turística, realmente turística, de Feira de Santana: a sua feira livre. Não convence a idéia de que a feira será permanente, diária, no Centro. Ora, enclausurar a feira livre de Feira de Santana dentro de quatro paredes é a mesma coisa que tirar um peixe d'água: ele não sobrevive, não resiste.

A feira livre de Feira de Santana, que provocou o nascimento da cidade, data de 1713, realizando-se assim há mais de 200 anos. Foi dela que veio o aglomerado humano que mais tarde constituiu o arraial, e foi dela também que veio o nome da cidade: Feira de Santana.

Esses valores são de uma hora para outra destruídos em nome de algo que chamam de "progresso", mas que não passa de complexo de provincianismo, pois só a retirada da feira mostraria o desenvolvimento da Feira de Santana. O que há de errado em ter uma feira livre? Deixem que os outros tenham seus Centros de Abastecimento; os que não podem ter uma feira livre como a nossa.

O advogado folclorista e pesquisador Fernando Pinto de Queiroz, afirma que "se mudarem a feira para o Centro de Abastecimento o que sobrar para a cidade? Nada. A feira é o que a Feira de Santana tem de diferente e notável. Se perder isto, o que restará à cidade? Se a feira é a única coisa que a distingue dos demais?

O poeta, arquiteto e pintor Juraci Dorea Falcão sentencia "vão acabar a beleza e a poesia da feira, sufocadas pela modernização".

Sim, o que sobra então à Feira de Santana? Uma Micareta, cuja única coisa excepcional é ser realizada em abril, já que no mais é igual aos carnavais que por aí se fazem e a outras minarettes que por alhures se realizam. Lógico que terá que ser a maior de todas, pois a Feira de Santana é a maior cidade do interior baiano.

O secretário de Turismo a ser empossado no fim deste mês terá muito que pensar, estudar, imaginar para encontrar algo que substitua, nos roteiros turísticos, a feira livre de Feira de Santana. Vai ser difícil a não ser que haja alguma fórmula mágica.

Aliás, na opinião do prefeito José Falcão da Silva não se deve pensar em turismo. Em entrevista concedida à imprensa da capital, na segunda-feira ele afirmou que a Feira de Santana sempre foi uma cidade comercial e não turística. O que importa é o desenvolvimento do comércio.

Diversos administradores divergem, entretanto, da opinião do prefeito de Feira de Santana, quando afirmam que o turismo é uma "indústria sem

chaminé” e não é à toa que o turismo, é hoje, a principal fonte de renda da Espanha.

A Feira de Santana, principal entroncamento rodoviário do país, tinha um enorme potencial para se transformar num centro turístico. Agora, porém, turismo por aqui é coisa do passado. Nada restou, mas nada mesmo, em termos turístico, à Feira de Santana.

As igrejas são pobres, sem estilo definido, a não ser a Igreja do Senhor dos Passos, com seu estilo gótico, raro em construções religiosas.

O Museu que deveria ser regional, é de artes plásticas, destinando, apenas uma pequena sala aos produtos da região, ele que deveria ser uma casa para mostrar o que foi e o que é que a Civilização do Couro, de vital importância para a colonização baiana.

O extermínio da feira livre da Feira de Santana foi um abalo tremendo para o turismo local, que poderia, agora, inclusive, receber um novo alento.

Alguns, para quem o “progresso”, mesmo desordenado, indisciplinado sem infra-estrutura, tudo representa, dirão que os saudosistas não esqueceram a feira livre, estão chorando o fim da feira, são retrógrados e conservadores.

Não há progresso, por mais acentuado que seja para destruir os valores de uma terra, para condenar à morte o mais cultural e folclórico aspecto de Feira de Santana.

O que deveria ter sido feito, planejado, e executado era a higienização da feira livre, bem como deveriam ter sido disciplinados os seus dias e horários de funcionamento. Assim, se a feira livre era uma doença, ficaria curada. A dose de medicamentos que lhe deram, entretanto, foi forte demais: a feira livre de Feira de Santana morreu.

Ela, que era tão livre como pássaro que voa, não poderá subsistir num Centro de Abastecimento, cujos primeiros problemas aparecem mesmo antes da transferência da feira.

Um dia, há algum tempo, a Prefeitura Municipal de Caruaru, em Pernambuco, tentou exterminar a feira livre e construiu um Centro de Abastecimento. O Centro não funcionou e a feira livre continuou, sobrevivendo até os dias atuais.

Aqui, porém, o fato é irreversível. A feira livre já não existe, pertence a um passado não muito distante e será sempre lembrada por um pedaço que agora foi extirpado.

A feira livre viverá, tão somente nas recordações dos feirantes que não têm medo, receio ou vergonha de defenderem a existência da feira, pois sabem que ela poderia, perfeitamente, viver de mãos dadas com desenvolvimento.

É preciso que se entenda que desapareceu um pedaço da própria Feira de Santana, um pedaço que foi a base para a formação da cidade, um pedaço que está em pé desde 1713, sem causar transtornos, sem trazer intranqüilidade, sem provocar insegurança.

A feira livre, extinta segunda-feira, confundia-se com a própria Feira de Santana, ela que deu forma ao município, ela que atraiu turistas e visitantes, ela que deu tantas fontes de rendas a Feira de Santana, a ponto de ser considerada, em 1975, o principal ponto de arrecadação, ela que sustentou a economia da Feira, quando o comércio era incipiente e as indústrias nem sonhavam em se instalar. Ela, a feira livre de Feira de Santana, que passa a ser, apenas, uma saudade, uma recordação e uma lembrança dos tempos em que os homens sabiam aliar os valores culturais aos bens materiais.

A feira livre de Feira de Santana será lembrada para sempre. Muitos dos que assistiram o seu fim não alcançarão, sequer o primeiro degrau na escada em direção à História.

E a transferência da feira livre gera outro problema, este reconhecido publicamente, pelos que idealizaram o Centro de Abastecimento. O Centro está pequeno, diminuto, acanhado, para abrigar todos os feirantes.

É reconhecido, ainda, pelos técnicos, que mesmo para uma primeira etapa o Centro não atendeu às necessidades da feira livre, da Feira de Santana, que reunia mais de quarenta mil pessoas espalhadas pela praça, ruas e avenidas.

O que às importava, porém, não era saber se o centro abrigava os feirantes, atendia as necessidades da feira-livre. O que importava, acima de tudo, era exterminar a feira imaginando encontrar um lugar na história...

NÃO HÁ PROBLEMA NA MUDANÇA DA FEIRA

Feira Hoje. Feira de Santana(BA), 5 de janeiro de 1977, p. 3.

“Temos efetuado constantes reuniões com os feirantes nas suas diversas atividades. Já foram distribuídas as lanchonetes, mercearia, cereais e estão sendo distribuídos os açouges e pontos para carne seca. Amanhã estaremos reunidos com os sapateiros e assim sucessivamente. A partir da próxima terça-feira, dia 11, a feira livre começará a ser relocada para o centro de abastecimento e no sábado, dia 15, a feira já será realizada em seu novo e definitivo local — declarou o prefeito José Falcão da Silva, confirmando, assim para a próxima segunda-feira a realização da última feira-livre nos seus locais de origem.

Preocupado com o tráfego, vias de acesso, transporte coletivo e serviços de táxis, disse o prefeito:

Ainda esta semana nos reuniremos com o pessoal da 3ª Ciretran e os proprietários das empresas de ônibus os quais deverão, forçosamente, passar pelo Centro de Abastecimento.

Quanto às possíveis resistências contrárias à mudança da feira livre, não acredito que aconteçam. Todos que procuram o Centro de Abastecimento às vezes se preocupam com os lugares que lhes foram destinados. Não existem, porém, locais privilegiados, pois todos estarão nos locais destinados ao seu tipo de comércio. Haverá a fase de adaptação. Depois tudo estará acomodado — disse o prefeito.

BARRACAS

Finalmente o prefeito José Falcão da Silva declarou que “deixarei a cidade sem barracas, exceto as dos jornais e revistas cuja relocação ainda será estudada. Todos os barraqueiros estão cadastrados e terão espaços reservados no Centro de Abastecimento. Poderão sobrar algumas barracas pingadas pela cidade, mais isto será mais um problema de fiscalização que, inclusive, deverá estar atenta para o surgimento de novas barracas” — conclui.

LARANJEIRA, Antônio José

ÚLTIMA FEIRA

Plantão de Notícias (da Sucursal) — **A Tarde** Salvador(BA), quinta-feira, 6 de janeiro de 1977, p.13 cad.2 — Feira de Santana-BA.

Fontes merecedoras de todo crédito garantiram que a última feira livre no centro da cidade se realizará na próxima segunda-feira, devendo a de sábado dia 15 ser efetivada no Centro de Abastecimento. Acreditamos que a mudança deverá ser global, pois estarão incluídos no rol dos feirantes os camelôs dos mais diversos produtos, que ficam espalhados nas praças da Bandeira, João Pedreira e ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro, além das avenidas Getúlio Vargas e Senhor dos Passos. Não temos a menor dúvida de que será um alívio para o comércio se ver livre da concorrência ostensiva e de baixo nível realizada pelos vendedores ambulantes no centro da cidade, além de enfeiar a vida urbana cidadina.

AMBULANTES PRECISAM PAGAR IMPOSTOS TAMBÉM

Feira Hoje. Feira de Santana (BA), 6 de janeiro de 1977, p.3

De acordo com a Portaria nº 169, de 23 de dezembro de 1977, a Secretaria da Fazenda acaba de instituir o Cadastro Regional destinado aos Barraqueiros, feirantes, revendedores em rua, ambulantes e mascates, segundo informações da Delegacia Regional sediada nesta cidade.

TENSÃO E MUITO TRABALHO NO C. A.

Feira Hoje Feira de Santana(BA), 7 de janeiro de 1977, p.3.

Há um clima de tensão e expectativa em torno da mudança dos feirantes do Mercado Municipal para o Centro de Abastecimento. Ninguém quer falar nada à imprensa, muito embora se perceba claramente que dificilmente a mudança total se fará entre os dias 11 e 15 do corrente.

BOXES PEQUENOS

No mercado de alimentos, área coberta destinada às mercadorias, está sendo encontrado um grande número de pedreiros destruindo e refazendo paredes; ferramenteiros e marceneiros colocam portas. As despesas estão correndo por conta dos feirantes, futuros ocupantes dos boxes, e Lindalvo Farias explica "quase todos receberam áreas maiores do que as que ocupam no Mercado. Para muitos, no entanto, o espaço de 1 metro e 80 centímetro de largura é pequeno, o que nos levou a encontrar uma solução: dividir 3 boxes por dois feirantes. Por isto é que os trabalhos de reforma, a adaptação, estão sendo por eles realizados às suas expensas".

Havendo até quem fale em impetrar mandado de segurança contra a "mudança", os poucos barraqueiros do mercado que se dispuseram a falar alguma coisa, não se mostraram contra a mudança, alguns achando até mesmo que lá em baixo é mais higiênico; todos, porém, consideram o prazo para mudança muito curto.

O prefeito poderia deixar a gente aqui até o fim do mês, enquanto íamos fazendo as adaptações necessárias ao novo local da feira. Será que seremos mesmo obrigados a sair daqui, até o dia 15 deste?

PREFEITO PEDE CONFIANÇA

Feira Hoje. Feira de Santana(BA), 8 de janeiro de 1977, p.3.

“A palavra que dirijo aos feirantes é de confiança; que eles confiem em nós, como confiamos neles, pois o valor do Centro de Abastecimento, antes de ser utilizado, já está evidenciado. Há feirantes, usuários de boxes ou de bancas de carne no mercado, que já negociaram seu lugar no Centro de Abastecimento por Cr\$ 20 e 30 mil para transferência futura. Por aí se vê a valorização do empreendimento” — afirmou ao *Feira Hoje* o prefeito José Falcão da Silva, ao ratificar as suas declarações anteriores de que a mudança da feira livre começará realmente na próxima terça-feira e será concluída na sexta, dia 14 do corrente.

“Se não houvesse grande interesse pelo Centro de Abastecimento nós não teríamos mais de 1.500 novas inscrições o que determinaria quase a construção de outro centro de comercialização”.

ACABOU A FEIRA

Tribuna da Bahia, Salvador(BA). 10 de janeiro de 1977, p.14.

FEIRA (Sucursal) — tido como um “acontecimento histórico” realiza-se hoje a última feira livre da cidade, uma vez que amanhã será iniciada a transferência para o Centro de Abastecimento, localizado no parque Manoel Matias. Jornalistas de vários pontos do país, representando importantes órgãos noticiosos, estarão presentes em FEIRA naquele dia para documentarem o marco que definirá uma etapa na vida do município.

O prefeito José Falcão da Silva, falando à TRIBUNA DA BAHIA, explicou por outro lado que no dia 15 — sábado será efetuada a primeira feira no Centro de Abastecimento, um acontecimento que também deverá ser firmado no calendário da história de Feira. A prefeitura vai participar da transferência, auxiliando os feirantes dentro do possível, com a colocação de viaturas à disposição dos mesmos.

Sobre a mudança da feira, disse o chefe do executivo feirense “será a quebra de costume, alterando em muito o contexto da cidade, não apenas no ponto de vista urbanístico, desafogando os serviços de tráfego e limpeza pública, como também no aspecto econômico”. Frisando bem o último aspecto, disse José Falcão da Silva, “aquilo que era eventual comercialização livre passará a permanecer, como também colocará Feira em projeção na política de abastecimento do país”.

Questionado se as feiras livres dos bairros desapareceriam em função do centro, disse o prefeito: “o poder municipal terá obrigação de, à proporção que vá se firmando o centro, acompanhar também a evolução das feiras, da Estação Nova, Tomba, Rua Nova, Sobradinho e Cidade Nova, e buscando a melhora das mesmas”.

Esclareceu José Falcão que o desaparecimento das feiras pode acontecer, naturalmente, se assim os feirantes radicados nos bairros desejarem. A comuna, no entanto, não pensa em extingui-las, pelo contrário.

Sobre a posição dos vendedores no caso da transformação do Centro de Abastecimento em autarquia, o que não foi conseguido, disse José Falcão “eles assim procederam porque estão alheios aos problemas municipais”. Concluiu confirmando para o dia 21 o jantar de despedida que oferecerá à imprensa, autoridades, classes produtoras e clubes de serviços, no restaurante Carro de Boi.

ACABA HOJE A ÚLTIMA DAS GRANDES FEIRAS DO NORTE — NORDESTE DO PAÍS

Jornal da Bahia, Salvador(BA), 10 de janeiro de 1977, segunda-feira, p.6, Edição Especial.

Hoje é o dia da maior feira livre do Norte e nordeste do país. O processo de urbanização acelerado, a transformação de valores e aspectos físicos de Feira de Santana, carreados pelo progresso, exigiram a transferência da tradicional feira que, ao contrário do que ocorreu em outros locais, deu origem, nome e importância ao município. O secretário de turismo Itaracy Pedra Branca afirma que, apesar do grande significado da feira para a história do município, débito que jamais poderá ser saldado, a sua expropriação se faz necessária. O desenvolvimento da feira criou uma série de problemas para a “princesa do sertão” e, para que ela continue subsistindo, é necessário que vá “lá para baixo” como feirantes já identificaram o Centro de Abastecimento de Feira de Santana.

Esta posição a respeito da transferência e do significado da feira não é apenas do Secretário de Turismo. É voz geral entre a população, autoridades e comerciantes, à exceção dos feirantes que parecem não entender devidamente os objetivos do Centro de Abastecimento, que essa transferência é uma medida que se faz urgente inadiável. Diz o prefeito José Falcão da Silva que manter a feira como tradição ou folclore é impossível de se comentar “porque o fator feira-livre da maneira como está existindo em Feira de Santana, torna

muito difícil a sua disciplina e em conseqüência, uma evasão de 50% das rendas”.

Não há mais espaços aonde acomodar o feirante — já chegam a mais de três mil que a cada dia aumentam de números. O exemplo disso é que, às segundas-feiras, é necessário isolar quase todo um trecho da Av. Senhor dos Passos, já totalmente tomada pelas barracas.

Com a feira livre tomando todo o raio de ação das artérias centrais da cidade — afirmou o prefeito — os problemas por ela provocados passaram a incomodar a cidade de Feira de Santana que passa de uma fase estritamente comercial para a etapa industrial. Os constantes congestionamentos no sistema de tráfego de veículos, a proliferação de bancas e barracas, o péssimo aspecto urbanístico, uma feira livre sem higienização, produtos alimentares misturados ao lixo e a sujeira, os constantes furtos praticados por marginais e pivetes que infestam a cidade nos dias de segunda-feira, levaram ao cumprimento do Projeto Cabana— Centro de Abastecimento, previsto no Plano Local de desenvolvimento Integrado.

DIA DE FESTA

Não obstante a posição insatisfeita dos feirantes, hoje será um verdadeiro dia de festa para Feira de Santana. Quase toda a população, inclusive as autoridades municipais pretendem participar ativamente do último dia da grande feira e, por isso mesmo, espera-se uma afluência duplicada de pessoas. Entre elas está o prefeito eleito Colbert Martins que vê o fato como episódio marcante na vida da população feirense. Ele diz que do ponto de vista urbanístico esta é uma medida de maior importância e, mais do que isso, necessária para a sobrevivência da feira. “Do ponto de vista econômico é um passo muito avançado porque há um alvo para ser lançado no setor da economia: um barateamento nos preços da mercadoria, no custo dos transportes e, socialmente, a permanência da ocupação ou seja do trabalho”.

No entanto os feirantes não vêm a transferência desse mesmo ângulo. Antônio Vidal açougueiro há 30 anos no Mercado Municipal é totalmente contra a transferência da feira livre.

“Para mim isso é péssimo. Ali é o mesmo que pegar a gente e enterrar. Não há condições, porque nos dias de sábado e segunda-feira ainda podemos vender alguns quilinhos de carne, mas durante a semana não haverá movimentação por causa dos açougues particulares”. Ele concluiu dizendo que só vai porque não tem jeito e acha que o único aspecto bom do Centro é a higiene.

Outro contra a mudança é João Durval Lisboa que há três anos comercializa confecções na feira livre. “A gente faz negocinho nessa época de festa e justamente nessa emergência é que vão mudar. Eu não me inscrevi. O que vou fazer lá, ficar uma semana, um mês, dois sem fazer negócio e pagando ao prefeito. Acho melhor vender em outras feiras, a Bahia é muito grande. Talvez depois de uns seis meses melhore”: O vendedor de calçados Enedino Araújo Vitor afirma taxativamente que o Centro não presta. “Em primeiro lugar uma mulher de barriga não pode descer ali e uma mulher gorda não pode subir, que, quebra as veias todinhas. A escada só tem meio palmo de largura. Vou trabalhar em outras feiras e chamar por Deus”.

Como estes, a grande maioria dos barraqueiros está apreensiva, temendo a concorrência dos particulares e a não influência da população pelas dificuldades de acesso. Nesse sentido, o prefeito e ex-secretário de urbanismo, Colbert Martins, que já comentava a intenção de construir terminais de ônibus, explica que em Feira de Santana terá de haver forçosamente uma mudança radical em termos de transportes urbanos. “Teremos que considerar o tráfego passando pelo Centro ou se dirigindo para lá e, isto tem um caráter urgente porque a população pobre vai convergir para lá”.

Olhando do ponto de vista turístico, o Secretário Itaracy Pedra Branca diz que tudo continuará como sempre foi, com o mesmo movimento das segundas-feiras, só que com disciplina. Ele não considera sujeira, falta de higiene, lonas rasgadas, pedaços de tábuas, como atrações turísticas. “Não vejo nenhum colorido especial nisso. A transferência é cem por cento válida e vem resolver um importante problema social, haja visto que grande parte da população é considerada tecnicamente como desocupados porque não tem uma ocupação permanente, vivendo em função da feira. Com o Centro o trabalho será diário, com a oportunidade de comércio todos os dias”. Há ainda a preocupação do novo prefeito em fomentar o desenvolvimento das feiras de bairro que já alcançaram um bom índice, a exemplo, dos bairros de Tomba, Estação Nova e Sobradinho, que se realizam aos domingos.

MUDARAM A IDÉIA

O projeto para transferência da feira vem sendo cogitado há mais de 10 anos. No entanto, a idéia só tomou vulto acerca de um ano, quando a maioria dos comerciantes se pronunciou contrária. Eles achavam que isso provocaria uma sensível queda no comércio, até que todo o fluxo se encaminhasse para o novo local levando consigo a maioria dos negociantes. Assim, Nelson Vieira

Guira, proprietário da Casa “Anel de Ouro”, na Avenida Senhor dos Passos, acha que a mudança vai melhorar significativamente a situação dos comerciantes. “Com a saída da feira e dessa sujeira vamos ficar com o campo mais livre, haja visto que temos maior movimento nos dias da semana que nos dias da feira. Nota-se mesmo, que as pessoas evitam de vir até o centro, principalmente para fazer compras, nesses dias”.

Já o presidente da Associação Comercial de Feira de Santana, José Alexandrino Souza, disse que inicialmente a mudança da feira livre para o Centro de Abastecimento vai, na realidade, dificultar o comércio estabelecido nesse perímetro da feira. “No entanto será apenas por 15 dias ou mês, período normal para a adaptação. A população de feira não mais se locomove para fazer suas compras nos dias de segunda-feira, preferindo fazê-las no decorrer da semana, quando o comércio recupera o seu movimento normal prejudicado nos dias de feira livre”.

Ele acredita que a recuperação do impacto será rápida e vê a mudança como “uma medida espetacular porque vai higienizar a cidade, dar à prefeitura melhores condições de arrecadar tributos e melhorar o tráfego em Feira de Santana, uma vez que, já se tornou impossível a locomoção de pessoas ou veículos nos dias de sábado e segunda-feira”

Não se sabe se vai dar certo, mas existe uma preocupação em fazer do Centro não o fim da feira livre, mas, uma reafirmação desta como disse Itaracy Pedra Branca. Da mesma forma o prefeito José Falcão da Silva explica que o projeto tal como foi concebido tem por preocupação respeitar a feira livre, embora com uma organização diferente. “O Centro, ao contrário do que muitos estão pensando será também uma atração turística e já vem despertando o interesse e a curiosidade das pessoas que visitam a nossa cidade. Acredito que não vai haver prejuízo nenhum e, sim, que Feira de Santana vai ganhar muito mais, mesmo porque a feira vai ser mantida, agora, em nuances diferentes”.

UMA FEIRA LIVRE, MESMO

Conta a lenda popular que nos primórdios da cidade, quando Feira de Santana era ainda a fazenda Santana do Olho D’Água, pessoas das mais diversas regiões para aqui afluíam no intuito de vender e trocar produtos. À passagem, quando inquiridos a respeito do local para onde se dirigiam, a resposta era: “Vou para a feira de Santana”, ou seja, para a feira livre que se realizava na fazenda Santana e já começava a ganhar fama. Cada dia era

maior o número de feirantes que traziam diversos produtos, especialmente os vindos do interior, aqui fazendo transações comerciais com os boiadeiros e tropeiros.

Dizem que os aglomerados humanos, somente depois de organizados, forçam a realização de uma feira livre. Da fazenda nasceu a capela, da capela apareceram os casebres, daí a feira livre, para depois surgir o Arraial Santana de Feira, em 1873, já elevado a condição de cidade. Surgindo com o próprio município, a feira foi, até hoje, uma das suas maiores atrações turísticas, abrangendo feirantes de mais de 40 municípios.

A feira livre semanal era realizada às terças-feiras, até o dia 25 de dezembro de 1854. Transferida depois para os dias de domingo, assim continuou até que, nomeado vigário da freguesia de Feira de Santana, em 31 de julho de 1874, o padre Ovídio de São Boaventura, conseguiu com sua influência a mudança da feira livre para os dias de segunda-feira.

COMEÇA NO SÁBADO

Já no sábado a feira apresenta um movimento incomum, embora, só às primeiras horas da tarde de domingo comece a chegar o maior volume de mercadorias das mais variadas formas, no lombo de animais, em carroças, caminhões, carretas e, de imediato, várias barracas são instaladas ao longo das praças da Bandeira e João Pedreira, Rua Marechal Deodoro, Sales Barbosa e trechos das Avenidas Senhor dos Passos e Getúlio Vargas.

Os produtos comercializados são os mais variados possíveis e oriundos dos mais diversos municípios baianos, desde o artesanato de couro e barro, produtos avícolas, confecções, móveis, panelas bugigangas, bijuterias aos mais procurados pelos de fora, como carne do Sertão, carne do sol e caças raras. Ao lado disso a tradição e o folclore que ainda persistem nas pessoas dos violeiros, cantores e repentistas que atraem a atenção de todos e principalmente do turista.

Os vendedores ambulantes do óleo do peixe elétrico e de remédios que curam todos os males têm também freguesia assegurada e sem distinção de classe. Os passeios das ruas e avenidas são transformados em autênticas livrarias de cordel e, para atrair a atenção do passante, tal como conta a tradição, os livreiros contam as incríveis histórias de Lucas da Feira como “A moça que tomou a pílula”, “O Valente Lampião e Maria Bonita”, ou “O Bicho que Está Aparecendo na Feira”.

Em barracas de barro, os artistas ambulantes apresentam os grandes espetáculos da temporada. Por fim, a feira se apresenta como o melhor local

para encontro e reuniões de velhos fazendeiros, políticos, a maioria destes no Café São Paulo e, dentro da própria feira, a conversa animada entre os barraqueiros, cada um contando e querendo saber a última novidade de suas terras. Os assuntos vão desde política, economia, casamento, batizados, até os deboches dirigidos “inocentemente” à moça que passa.

UM VELHO BARRAQUEIRO E UM MERCADO VELHO

Jaime Luiz dos Santos é um dos mais antigos barraqueiros do Mercado Municipal. Sua barraca conhecida como “Pioneira São Luiz” esta estabelecida ali, desde o tempo do Governo do Prefeito Heráclito Dias de Carvalho, mais conhecido como “Lolô”. Ele conta que por volta de 1935 seu pai montou a barraca e nessa época era administrador do mercado o “Senhor Pinto”. Com a morte do pai, em 1914, ele assumiu o posto, estando hoje com 36 anos de direção na barraca.

Segundo ele, quando o pai começou, existia no mercado apenas um açougue. No início vendiam alguns tomates, cigarros e outros produtos de pequena monta. Totalmente adaptado e engajado nas implicações do mercado da feira livre, Jaime vê hoje com grande apreensão a sua transferência para o Centro de Abastecimento: “Na parte de higiene será uma beleza, mas na parte humana será de muito desgaste principalmente para as pessoas mais idosas”. Para ele, esse novo comércio vai ser um jogo, uma aventura e acredita mesmo que muitos negociantes vão se quebrar. Com a continuação poderemos tirar proveito de alguma coisa, mas no momento não. “Eu tenho a impressão que nos dias de semana vai ser uma negação lá no centro, pois as pessoas vão preferir os supermercados. A salvação vai ser mesmo nos dias de segunda feira e sábado”. Jaime já reservou o seu boxe, mas não vai satisfeito, principalmente porque na sua mercearia ele tem geladeira e aproveita para vender refrigerantes e outros gêneros, de onde tira um maior rendimento. “Lá no Centro isso não vai ser possível a não ser que eu tivesse optado por uma lanchonete, o que não aceitei por não ter conhecimento desse ramo. Por outro lado, acha ainda que deveria ter dado muito mais tempo para que se organizassem, inclusive financeiramente “pois todas as despesas lá nós é que vamos fazer. Vamos encontrar pronto apenas o boxe”.

UM VELHO MERCADO

Com quase 70 anos de criado, o mercado Municipal de Feira de Santana guarda ainda características marcantes de sua época. Percorrendo-o ainda é possível ouvir toadas sertanejas nos rádios encarrapitados sobre as prateleiras e balcões, onde se misturam carne do sol com roupas prontas, objetos de couro e artesanato regional. No imenso galpão, centenas de barracas estão amontoadas umas sobre as outras e, segundo o seu administrador, não há mais espaço para se colocar uma vassoura ou um balde.

A administração esta localizada em pequeno boxe, impróprio para suas funções; as condições de higiene são bastantes precárias, não há sanitários públicos e o piso não resiste à limpeza, estragado e corroído pelo uso. São milhares de pessoas — comerciantes e empregados — afora os consumidores, que circulam no extinto espaço, principalmente nos dias de feira.

No entanto, dias melhores se apresentam para o velho mercado. Um projeto de reforma e transformação em centro turístico é uma das principais metas do prefeito Colbert Martins, que afirma que esse projeto terá início ainda esse ano. A pretensão é englobar no mercado toda a venda de artesanato, cerâmica, lembranças da feira, restaurantes típicos, modernos e, numa etapa final, um teatro de Arena para exibição de espetáculos folclóricos:

- “Nós vamos fazer do velho mercado o Mercado Modelo de Feira de Santana, a exemplo do que existe em Salvador. Com a diferença de que não vamos deixar que ele se descaracterize, como ocorreu na capital. É uma obra que se auto-financiará”, enfatizou o prefeito eleito.

CENTRO MARCA O INGRESSO DE FEIRA NA POLÍTICA NACIONAL DE ABASTECIMENTO

Jornal da Bahia, Salvador(BA), 10 de janeiro de 1977, segunda-feira p.04, Edição Especial.

Amanhã, todos barraqueiros já começam a se transferir para o Centro de Abastecimento de Feira de Santana e, no próximo dia 15, realiza-se a primeira feira do Centro. Este é o primeiro do Norte e Nordeste a ficar concluído e, segundo o Prefeito José Falcão da Silva, foi planejado em moldes “sui generis” levando em consideração, principalmente, o varejo, o que o torna diferente da CEASA que tem um ponto de vista atacadista: “Por isso mesmo criou celeuma no Conselho Nacional de Abastecimento que, em suas linhas tradicionais, não admite Centros ou CEASAS varejistas”.

Nesse sentido, as autoridades municipais argumentaram que em Feira teria que se fazer como quem compra uma casa velha, vai reformando e mantendo as tradições. O projeto foi totalmente novo — continua o prefeito — e por isso está despertando grande interesse no setor de planejamento e alimentação. “Em Salvador, por exemplo, o Governo do Estado já está partindo para o planejamento de centro em bairros, baseados nessa filosofia e acredito que muitos outros surgirão no país, dessa mesma forma”.

A obra denominada Projeto Cabana, Centro de Abastecimento, foi projetada atendendo à indicação do Plano de Desenvolvimento Integrado e à própria SUDENE, num trabalho feito em convênio com a Universidade de Pernambuco sobre pesquisas alimentares, cujos resultados indicaram a necessidade de criação do Centro. O plano já indicava o local em que foi construído e uma área de sete hectares foi desapropriada durante a gestão do prefeito João Durval Carneiro.

ÁREA INSUFICIENTE

Essa área, no entanto, não foi considerada suficiente e na atual gestão foram desapropriados mais de 10 hectares de terra. O prefeito lamenta que apesar da área já haver sido destinada para a construção do Centro, não houve a devida fiscalização por parte dos prefeitos anteriores, o que deu lugar à expansão imobiliária que encareceu grandemente a desapropriação atual.

Diz o prefeito que no Centro não há um todo limitado. O projeto idealizado abrange as áreas varejistas e atacadistas, sendo que esta será construída numa segunda etapa. Em 73, o projeto estava orçado em 24 milhões de cruzeiros, mas em demora de aprovação, o aumento de preço da desapropriação e das obras civis, a conclusão dessa primeira etapa ficou em cerca de 47 milhões de cruzeiros, sendo necessária ainda a eliminação de algumas obras previstas.

A curto prazo deve ser dado seguimento à área atacadista, que provavelmente vai ser desenvolvida junto com o setor varejista, embora separadas por platôs. O terceiro platô é que será destinado ao atacado e que será destinado ao atacado e feira livre de não alimentos. Futuramente serão utilizados 24 hectares correspondendo a uma área total de 310 mil metros quadrados, ocupando, atualmente, apenas 140 mil metros quadrados. Nessa área existem prédios de mercados alimentares e não alimentares que totalizam 5 mil metros quadrados. A faixa destinada à realização da feira livre tem uma faixa de 3 mil metros quadrados e para o estacionamento de veículos foram

destinados cerca de 3.100 m², ocupando, atualmente, apenas 140 mil metros quadrados. Nessa área existem prédios de mercados alimentares e não alimentares que totalizam 5 mil metros quadrados. A faixa destinada à realização da feira livre tem uma faixa de 3 mil metros quadrados e para o estacionamento de veículos foi determinado cerca de 3.100 m². O reservatório de água para o abastecimento do Centro tem uma capacidade de 360 000 litros.

O Centro de Abastecimento possui características polivalentes, sendo as suas três linhas principais o varejo, atacado e mercado expedidor rural. Na linha de varejo o *lay-out* disciplina a ocupação espacial e as funções de modo que ficam as faixas distintas, os ramos de produtos alimentares e não alimentares. Cada uma destas categorias é servida por equipamentos que atendem às diferentes modalidades de comércio desde o mais simples e tradicional até as mais modernas técnicas de comercialização, através de supermercados.

As instalações disponíveis na linha de atacado permitem as tabulações em maior escala de produtos que se destinam ao varejo local e de outros municípios. Nesse aspecto o Centro de Abastecimento atinge funções de mercado expedidor rural, pois recebe produtos de diversas fontes de produção e propicia a sua venda para outros municípios. O engenheiro Lindalvo Farias, responsável pelo projeto do Centro, caracterizando essa função, diz que “os produtores terão prioridades de acesso aos locais de venda, evitando assim o monopólio dos intermediários. Para tanto os produtores serão devidamente cadastrados com informação sobre a sua moradia, área de plantação, volume de produção, época de colheita, podendo-se então conhecer as necessidades de cada um em termos locais de venda de acordo com suas safras”.

AS INFLUÊNCIAS

A primeira grande influência do centro — explica o prefeito — vai se sentir na própria área administrativa porque vai ser um sistema totalmente novo. “É como se criasse um nova mentalidade administrativa no município, fugindo um pouco da política normal da administração pública e se encaminhando quase que por uma derrota de empresas. Da maneira como estamos programando a organização e a distribuição vai ser uma área de educação da comunidade. Esta é a influência em termos de vivência da comunidade”.

A segunda influência — continua o prefeito — é a própria educação do consumidor e do fornecedor, e a terceira as implicações sociais. “Nós deve-

mos ter no Centro uma equipe de meninos, os chamados “pivetes” que receberão fardas, educação e uma orientação sobre formas de tratamento. “O mais importante — enfatiza ele — é o ingresso de Feira de Santana na política nacional de abastecimento, haja vista que há um convênio encaminhado e que deverá ser firmado ainda este mês, com a SUDENE, para informação de mercados. “Esse contrato é um convênio de grande valia porque o produtor vai saber aonde os seus gêneros têm maior cotação e também aonde há o produto disponível; para ser adquirido”.

Acredita ainda o prefeito José Falcão da Silva que, com o Centro, a receita da feira livre vai aumentar consideravelmente “não porque os preços sejam aumentados, mas principalmente pelo controle. Nós temos uma evasão de mais de 50 por cento das rendas e teremos condições de controlar os impostos por solo ocupado”.

Nos primeiros anos, a receita do Centro será absorvida no pagamento das prestações e administração. “Dos 47 milhões, nós devemos à construtora cerca de 20 milhões, débito que se arrastará ainda por nove anos sendo portanto um débito equacionado, que não somente a receita do Centro como outras cobrirão tranqüilamente”. O prefeito acredita que já este ano a receita do Centro renderá mais do dobro, da feira livre atual.

Ele lamenta que a intenção de se transformar o projeto do centro em uma autarquia não tenha sido aprovada. “Nós defendemos a necessidade de criação de uma autarquia porque o controle não abrangeria apenas o Centro de Abastecimento, mas tudo que se refere a esta área dentro do município”. Saliencia, no entanto, que no futuro isso vai ter que se definir porque há uma exigência contratual com o Banco do Nordeste que não foi com o prefeito José Falcão da Silva, mas com o município de Feira de Santana.